OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno 36 n.os	Semest. 18 n.os	Trim. 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte) m. forte	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	-$-	-$-
Extrangeiro e India	5$000	2$500	-$-	-$-

31.º Anno — XXXI Volume — N.º 1047

30 de Janeiro de 1908

Redacção — Atelier de gravura — Administração
Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial
Praça dos Restauradores, 27
Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

Os Vencedores do Cuamato

CAPITÃO EDUARDO MARQUES, CHEFE DO ESTADO MAIOR E SEGUNDO COMANDANTE DA COLUMNA CONTRA OS CUAMATAS
(De fotografia)

CHRONICA OCCIDENTAL

Representa-se agora no Theatro D. Amelia uma peça francêsa, intitulada o *Verdadeiro Rumo*, em que ha um marido que deveria ser exemplo de muitos homens não digo já na vida privada, mas na vida publica.

Desclos, como elle se chama, é casado com Henriqueta, e esta atraiçoa-o com Thiago. Desclos vem a sabê-lo, lamenta-se de ter essa desillusão, mas em vez de dar ao drama qualquer dos desenlaces mais dilectamente preconisados pelos auctores de theatro em casos semelhantes, desde o tiro de revolver disparado em cheio pelo queixoso no peito da adultera, até ao suicidio do proprio marido ludibriado e desesperado, sae ao encontro do amante de Henriqueta, e persuade-o a desposá-la logo que se haja obtido o divorcio que elle mesmo vae promover.

Eu não creio que toda a gente esteja d'acordo em dizer que seja este o verdadeiro rumo a mostrar aos maridos na condição de Desclos. Pelo menos, todos aquelles que estiverem no papel de Thiago hão-de ter outra opinião, como tambem elle tem na peça. Mas não ha duvida que este prudente espirito de deliberação, em conjunctura d'antes tão humanamente propria para arrebatamentos que até codigos penaes desculpavam, é aquillo que hoje mais se coaduna com os tempos e os marfins que correm.

Uma boa coincidencia aproxima agora do complacente desenlace, que Ghensi e Guiches deram ao seu drama, a renitencia com que o Sr. Conselheiro João Franco, matrimoniado com a Nação, continua a querer viver com ella, depois de a ter surprehendido em flagrante delicto de adulterio com o Dr. Bernardino Machado. Esta agora é melhor e nova em folha como these.

Trata se, claramente, de um desequilibrio passional, que até hoje havia passado desattendido aos psichologos do amôr. Casos de renitencia identica, explicados por uma balda mórbida dos *souteneurs*, havia muitos. Mas como seria possivel incorporar este nesse grupo, se bem notorio é que o Sr. Presidente do Conselho não está ao lado da Nação com mira naquillo que ella se deixe extorquir, mas precisamente com a ancia d'aquillo que ella lhe recusa e que outra coisa não é senão — o amôr?

Até onde irá a obcessão do chefe do Governo ninguem póde sabê-lo nem dizê-lo. Os que melhor o conhecem, porém, não dissimulam quanto andam aprehensivos com o receio de que Sua Excellencia, voltando aos processos antigos, empregue a violencia onde nada poude conseguir pela ternura.

A intensidade destas aprehensões foi avolumada nos ultimos dias por outra que muito tem dado que falar: a aprehensão dos revolvers que, segundo o *Diario Illustrado*, não póde deixar logar a duvidas ácerca dos intuitos da facção radical, e ainda menos duvidas deixa a respeito do uso que d'elles agora se fará na primeira opportunidade.

A unica consolação que nos resta, dado que alguma bala nos vare uma perna, se as pontarias forem muito baixas, é a lembrança de que poderemos ser soccorridos pelas enfermeiras que a Cruz Vermelha trata de adextrar na pericia dos pensos, dos enfaixamentos e dos pontos naturaes.

Que o Governo a traz fisgada, como se costuma dizer, é mais que certo. Tudo o faz crêr. Não se poderá mesmo dizer que elle não tenha sido bastante franco no prevenir quem bem esteja disposto a acautelar-se. Ainda hontem, diziam todos os jornaes que o Sr. Ministro da Justiça vae decretar melhoramentos nas cadeias civis e nos serviços das morgues. A agua da fonte do Sabugo não é mais clara do que o que isto quer dizer. Melhoramentos nas cadeias, que governos como este mandem fazer, e na conjunctura em que este os faz, não hão de ser melhoramentos que melhorem, mas que peórem a sorte dos que vão presos. Quanto aos serviços das morgues, deve sernos estoicamente indifferente tudo quanto possa o Sr. Ministro da Justiça decretar por melhorá-los, incluindo a creação de mais alguns logares de amanuense, que por certo já estão promettidos aos presidentes das assembléas eleitoraes onde o Governo conte com votações seguras.

Tudo é repressão e apertar da tarracha. Como disse o Sr. D. Miguel de Almada ao redactor do *Mundo* que o entrevistou, tambem a mim se afigura já desnecessario citar, uma por uma, as liberdades de que todos andamos espoliados. A tal ponto chegámos, que o proprio Senhor D. Miguel de Bragança quer desfazer a velha lenda do *rei absoluto*, e julga azádo o momento de offerecer a sua interferencia para ver conciliada e feliz a familia portuguêsa.

Mal comparado, o caso parece-se todavia um pouco com outro que se deu uma noite d'estas num theatro da provincia, e que vem referido nos jornaes. Representavam-se os *Milagres de Santo Antonio* quando, no intervallo do primeiro para o segundo acto, o povo que tomava a geral se embrulhou num pavoroso reboliço, que logo se estendeu a toda a platéa e camarotes, não havendo meio de saber o que dava causa a tamanha confusão e alarido. As mulheres gritavam com quantas forças tinham, os homens esmurravam-se tambem com quantas forças tinham, as creanças berravam como vitelos desmamados. Nisto irrompe no palco, e investe com a bôca de scena, Santo Antonio em pessoa, indignadissimo com o publico que não deixava proseguir o espectaculo; e, tomádo de grande furia porque logo o não attendessem, desata em vociferações e improperios tão descabellados, que já havia cadeiras com os pés para o ar que lhe iam de pontaria á cabelleira tosquiada, quando foram chamar o Diabo ao camarim, e então se viu chegar Lusbel todo afflicto, abraçar-se ao santo e puxá-lo para dentro do panno, pedindo-lhe por amôr de Deus que tivésse juizo e recommendando ao publico prudencia e ordem!

Falar no Sr. D. Miguel, que ninguem queria ver nem pintado, era d'antes peor que falar no diabo; e aquelle que, ainda ha bem pouco tempo, se atrevesse a pôr em duvida as boas intenções liberaes do Sr. João Franco, em que muito boa gente chegou a fiar-se mais que nos milagres do proprio Santo Antonio, corria o perigo de lhe acontecer o mesmo que devia acontecer ao pae do Sr. João Franco — quero dizer: ao pae do Santo — se o filho o não houvesse livrado da fôrca. Agora, é o Sr. D. Miguel quem nos aparece a dizer-nos palavras de acalmação e a acenar-nos com a liberdade, ao passo que o Sr. João Franco, transfigurado em sombra do rei absoluto, cresce sobre nós rangendo o dente, e sobre nós brande, nos ares turvados, o cacete do soberano poder.

Tudo isto vae bonito, e não podia a Sociedade Propaganda de Portugal escolher melhor ocasião para promover o seu concurso de hoteis, com o intuito de estimular estes estabelecimentos a adquirirem mais algumas banheiras de assento, algumas duzias de collarinhos postiços de sobrecellente para os seus creados de meza e algumas caixas de pós Keating, de modo a poderem garantir aos forasteiros mais algum aceio e menos comichão.

Pode ser muito patriotica a iniciativa d'este concurso, e como tal não ha senão que louvá la; mas escolher o presente momento para mais atrair o descuidado viajante estrangeiro a Portugal, é que não é nada humanitario. Dizer-lhe, por um lado, que pode elle vir afoitamente hospedar-se entre nós já sem ter necessidade de muito se coçar, e depois, por outro lado, apanhá-lo ahi numa das ruas da Baixa e pregar-lhe uma coça que ha de ficar-lhe de lembrança para todo o resto da vida, se algum resto de vida lhe ficar — cheira a franquismo que tresanda!

Se o Sr. George Stratis, famoso *globe-trotter*, que apostou andar oitenta e cinco mil kilometros a pé durante doze annos, e que acaba de galgar a fronteira de Portugal, tem ainda forças para papar a legua da Povoa e chegar ás portas de Lisboa, dêmos-lhe o conselho de voltar já para trás e regressar a S. Petersburgo por Villa Diogo, se quer ter o gosto de receber os duzentos mil francos da aposta. Se não, póde o Sr. Stratis, que é grego, ter de se vêr muito mais grego ainda, ao passar para cá das portas.

O proprio ar que respiramos anda impregnado de pavôr. Desprendem-se do solo emanações de bernarda. E o sobresalto é tanto, que ainda das coisas mais simples, mais naturaes, se avolumam prognosticos de bordoada e de susto.

Se acontece que algum membro do Directorio republicano deixa de ser visto nas ruas da capital duas tardes a seguir, porque se constipou e está mettido em sua casa a assoar-se e a espirrar, immediatamente se espalha, com affirmação, que o Governo o tem preso no Castello de S. Jorge e o vae mandar para Timor. E se ao Sr. Commandante das Guardas Municipaes apetece fazer caracolar o seu formoso cavallo p'lo Chiado acima, á hora das elegancias, logo corre em mil bôcas a sus peita de que já o bravo general ande insinuando ao Turf o proposito de tambem lhe offerecer um banquete, como ao Capitão Roçadas, no dia seguinte áquelle em que os seus esquadrões houverem feito vingar o programma do Sr. João Franco sobre os cuamatas da capital!

ALFREDO MESQUITA.

VISÕES NOCTURNAS

Que queres? Quem és? Estrella azul do Nórte!
Vae-te!... Deixa-me só no meu fadario...
Tenho-te horrôr, espectro extraordinario!
Quem és?!
— Eu sou a Estrema Unção da Morte!

Ah! impiedoso abutre sanguinario,
Deixa-me em páz... perdão! Esse teu pórte
E' nêgro como é nêgra a minha sórte,
Deixa-me só com o meu cruel fadario!

— Nunca! Reláta-me o que tens soffrido,
O muito que choráste e chorarás,
E vê, se acaso, amigo, é permittido

Tal mêdo á Morte, tanto apêgo á Vida!
Tem rosicléres de luz a minha Ermida
E não me chames Mórte;
Eu sou a Páz!

Janeiro de 1907

Das Rosas do Outomno (inédito)

MARIO DE SANTA RITA

Os vencedores do Cuamato

Entre os vencedores do Cuamato que tão gloriosamente fizeram a campanha, não póde deixar de ter especial menção o chefe de Estado Maior e segundo comandante da columna, sr. capitão Eduardo Marques, cujo retrato honra hoje a primeira pagina.

Foi este distinto oficial o grande cooperador para o bom resultado da campanha, pois com Roçadas colaborou no plano, completando se os dois na sua obra com a ciencia e estrategia da guerra, e conhecimento do pais em que tinham de operar.

Tão relevantes foram os serviços prestados pelo valoroso chefe do Estado Maior, que o sr. capitão Roçadas na proposta que apresentou ao governo sobre as distinções a conferir aos oficiaes e praças que fizeram parte da campanha do Cuamato, pede para o sr. capitão Eduardo Marques a comenda da Torre e Espada, a maior distinção concedida aos oficiaes expedicionarios.

Para conferir essas distinções aos heroes do Cuamato parece que brevemente terá logar uma grande parada de tropas no hipodromo de Belem, aproveitando para esse fim a ceremonia do juramento de bandeira que se diz realisará como o anno passado.

* * *

O *Turf-Club* esteve em festa no ultimo sabado, 25, para receber nas suas salas o vencedor do Cuamato capitão Alves Roçadas, ao qual uma comissão de socios do Club ofereceu um banquete.

Ao banquete presidiu o sr. condé de Figueiró, tendo á sua esquerda os srs. Page Bryan, ministro da America e conselheiro Wenceslau de Lima; á direita os srs. capitão Roçadas e conselheiro general Pimentel Pinto, seguindo se os outros convivas entre os quaes se contavam os srs. viscondes de Mairos, adido da legação de Espanha, Henry Beaumont, ministro de Inglaterra, conde de Jiminez y Molina, marquez de Gouveia, barão de Fallon, ministro da Belgica e mais socios do Club que subscreveram para o banquete.

Foi uma festa animadissima em que se trocaram brindes, principiando pelo do sr. conde de Figueiró ao sr. capitão Roçadas e a El Rei, do sr. visconde de Mairos ao exercito e á marinha portuguêsa, do sr. Page Bryan, tambem ao exercito e á marinha, do sr. Pimentel Pinto á marinha etc., brindes a que correspondeu o sr. capitão Roçadas, terminando por um brinde a S. M. a Rainha Senhora D. Maria Pia.

Durante o banquete, que acabou cerca das 11 horas da noite. tocou um sexteto executando um variado repertorio.

A VELHA LISBOA

(Memorias de um bairro)

CAPITULO XIII

(Continuado do n.º 1046)

Os marinheiros francêses, que tão valiosos serviços prestaram, não tiveram que eu saiba nenhuma recompensa honorifica ou monetaria A rainha limitou-se a mandar, a bordo da esquadra, o seu camarista conde de Saint Legére testemunhar, em nome da nação, ao almirante, o profundo reconhecimento por tão importante auxilio. O almirante comunicou essa mensagem aos bravos marinheiros e mandou gravar no mastro grande do seu navio o seguinte letreiro: *Sinto me ufano de comandar taes valorosos.*

Quinze dos marinheiros tinham ficado feridos mais ou menos gravemente e um delles faleceu, em resultado das queimaduras.

O almirante tinha razão de se ufanar dos seus bravos subordinados.

*

Outro facto sucedido nessa noite tragica não deve passar em esquecimento. *A Revista Universal Lisbonense* encarregou-se de no-lo contar.

Emquanto durou o fogo, um estabelecimento de bebidas, que ficava fronteiro á Escola, distribuiu gratuitamente, a quem andava na faina dos salvamentos, toda a qualidade de bebidas e refrescos. O nome do seu proprietario não deve ficar olvidado. Chamava-se elle Tiago do Valle.(1)

*

Na capital causou o sinistro desusada sensação. O deputado José Maria Grande, lente de botanica na Escola, considerado clinico e distintissimo escritor, pronunciou, em sessão de 24 desse mês, um notavel discurso a tal respeito (2); a Sociedade Farmaceutica Lusitana apresentou ás côrtes um sentido manifesto lamentando não só a perda material do belissimo edificio. como tambem a enormissima perda moral sofrida pelas letras patrias (3); todo o país, emfim sentiu verdadeiramente aquella desgraça.

Como se remediaria tal catastrofe?

Foi a pergunta que todos fizeram de si para si. Dirigentes e dirigidos, grandes e pequenos logo se inquiriram anciosos sem que a resposta acudisse de prompto.

Havia já tempo que se opinava, com insistencia, a construcção de um edificio mais amplo onde se acomodassem todas as escolas superiores. Um dos mais entusiastas propugnadores desta ideia era Castilho e com elle iam muitos dos melhores elementos da opinião publica. As dificuldades, porém, antolhavam-se terriveis, avantajando se a da falta de dinheiro, porque o tesouro publico, enfraquecido pelas dispendiosas lutas intestinas, não podia, de certo, arcar com similhante despeza.

Estava portanto dificil a solução do intrincado problema. Choviam os alvitres, mas qual delles o mais absurdo e o menos exequivel.

Foi então que o sublime Castilho publicou o notabilissimo artigo na *Revista Universal Lisbonense* dando origem á primeira fonte de receita para essa grandiosa obra. De ha muito que elle combatia, na mesma *Revista*, a ideia de erigir se uma estátua ao rei libertador, condenando essa manifestação de patriotismo balôfo e espalhafatoso, com grande indignação de varios liberaes, mas com o silenciôso e aplauso de muitos outros que não viam, como elle, no projectado monumento mais do que uma ostentação improdutiva e inutil.

O artigo de Castilho alvitrava a ideia de se aplicar á reconstrução da Escola todo o dinheiro obtido para ereção da pretendida estátua. Foi como um raio que caisse em cima dos adeptos ferrenhos do monumento, mas de nada lhe serviu a santa indignação de que se revestiram, porque o governo, não sem alguma hesitação, acedeu á proposta dando auctorisação para o inicio das obras de reedificação, por carta de lei de 28 de julho desse anno.

A mocidade academica, mal lidos os periodos de Castilho, correu logo a advogar aquella causa. Andrade Corvo, que então frequentava a Politechnica, por anuncio e publicado na mesma revista, convidou todos os seus condiscipulos a uma reunião afim de se assinar um memorial ao governo solicitando a aplicação das receitas para o fim proposto pelo Mestre. Fez se a petição e foi como se viu, attendida. A' academia cabe o papel de cooperadora na benefica obra; á magica palavra de Castilho, porem, se deve verdadeiramente a reconstrução do velho colegio dos nobres.

«Vasai para ahi, (diz o mestre) o que já audaciosamente, para uma vaidade de pedra e bronze, se havia extorquido. Esquecei essa ideia, se o era! Espiai esse peccado, que o foi! Não continueis a mendigar o libertador ás portas dos libertados. E o oiro dos que tem oiro, e a prata dos que tem prata, e o cobre dos que só tem cobre, e as bençãos dos que nada tem, virão expontaneamente ajudar e auxiliar a obra digna do principe, da nação e do seculo: e os estrangeiros a visitarão com respeito; e os inimigos com inveja; e a posteridade com gratidão.

«Mandai para os intermundios dos sonhadores, esses pesos inuteis de terra, esses clasicismos ridiculos dos romanos, essas colunas de duzentos contos amassados de pão e lagrimas, esses gigantes de duzentos pés de altura, cegos, surdos, frios, mudos, estereis e vestidos, por escarneo de laureis de bronze.

«Sacudi-os e afugentai os como pesadello e ponde, em seu logar, monumento que ouve, que vê, que fala, que sente e produz, cujos loiros são vivos, crescentes, frutiferos e de cujos seios brotam mananciaes de luz, de civilização e de propriedade.» (1)

Não é verdadeiramente esplendido este pedaço de prosa?

A estatua não se fez então, mas veio mais tarde a executar-se, depois do fracasso do *galheteiro*, porque os liberaes espetaculósos não desistiram da ideia.

A coluna de duzentos pés lá está, meio do Rocio, com o seu ar inofensivo de *castiçal* e sem ao menos ter o merecimento de sustentar a figura do libertador. O boneco que a encima é um outro excelente principe que nunca comprehendeu a razão por que o eternizaram em bronze. Contos largos! (2)

*

Emquanto o governo promulgava a carta de lei que auctorisava a reconstrução do edificio incendiado, começaram a funcionar no convento dos Paulistas as aulas da Politechnica, e as da Escola do Exercito, que tambem ali estava instalada, no colegio de Rilhafóles, ao tempo, ocupado pelo colegio militar.

As cadeiras de fisica e de quimica ficaram tambem funcionando provisoriamente na Casa da Moéda.

Durou isto até 1850 em que a Escola do Exercito se mudou definitivamente para a Bemposta e a Politechnica se instalou, melhor ou peor, no novo edificio, ainda por acabar.

*

O risco da projetada obra foi feito pelo general de engenheiros José Feleciano da Silva e Costa, de acordo com o professor de desenho D. Luis Muriel que a dirigiu por algum tempo até tomar conta della Pedro José Pezerat que lhe sucedeu igualmente na regencia da mesma cadeira.

Os desentulhos começaram em janeiro de 1844 e a obra proseguiu sem outras dificuldades que as de dinheiro. Estas, porem, não foram poucas e a escola para lhes fazer face teve, logo ao principio e mediante autorisação do governo, de vender alguns dos bens que eram administrados pelo extinto Colégio dos Nobres e de contratar o rendimento de outros. (3)

A mesma falta de dinheiro motivou, mais tarde, a promulgação do decreto de 21 de outubro de 1852, concedendo a remissão de todos os foros que annualmente se pagavam á escola e depois a da carta de lei de 9 de maio de 1857, mandando vender os que não tivessem sido remidos e aquelles cujo pagamento se achasse atrazado.

Mas todas estas achegas eram insignificantes para as enormes despezas em perspectiva não havendo remedio senão recorrer a outras fontes de receita.

Por outra carta de lei, datada de 1 de julho de 1857, foi o governo autorisado a contrair um emprestimo de 100 contos de réis, a juro não superior a 6 %, para a continuação das obras, hipotecando, para esse fim, os bens administrados por aquella casa de ensino.

Em 1862 extinguiu se o ultimo conto de réis desta quantia e tendo-se já gasto tambem cêrca de 5 contos resultantes da venda de oito predios á Camara Municipal, (1) foi necessario o governo contratar no Banco de Portugal outro emprestimo de 90 contos, autorisado por carta de lei de 11 de julho de 1862 (2). Mais três emprestimos desta natureza ainda se fizeram, autorisados pelas cartas de lei de 19 de março de 1873, 11 de abril de 1876 e 16 de maio de 1878. Foi deste modo e por estas razões que as obras levaram trinta e cinco annos a ultimar-se e só em 1879 se poude concluir o atuál edificio.

(Continúa.)

G. DE MATOS SEQUEIRA.

A demolição da Antiga Egreja de Nossa Senhora dos Anjos

A NOVA EGREJA

O progresso no seu insessante caminhar tanto edifica como destroe, ora levantando edificios monumentaes consoante os recursos artisticos e gosto da época, ora derrubando outros que lhe embargam o passo, ainda que sejam velhos ou venerandos por sua antiguidade e historia.

E' o que tem acontecido em Lisboa ha annos a esta parte, com a transformação, embora lenta, por que vae passando, abrindo nos velhos bairros novas arterias para a sua circulação, ou alargando a antiga area, espandindo-se em uma nova cidade que tem levantado em seu tôrno.

Para isso muito se tem demolido e muito se tem edificado. Para a abertura da Avenida da Liberdade, desapareceu o antigo Passeio Publico do Rocio, o logradoiro querido de nossos paes e avós, que não o deixaram passar a historia sem protestos de abaixo assignados dirigidos á camara municipal. Com o Passeio Publico se foram tambem os predios que formavam a Praça da Alegria de Baixo, ou Praça do Verde (como tambem lhe chamavam), o velho teatro do Salitre com a mais velha ainda Praça de Touros que lhe ficava junta, e o relativamente moderno, Circo Price, que fez as delicias da nossa mocidade e encheu de dinheiro o seu rotundo proprietario, um inglez, que muitos dos nossos leitores talvez não conhecessem, e que era um homem baixo, atarracado, vermelho como um medronho, sempre de charuto na bôca e de chapeu alto a tapar a ampla calva, que só deixava vêr ao publico quando este o aplaudia entusiasmado com as formosas equestres que elle lhe apresentava trasidas lá da velha Albion.

Para inaugurar a Avenida D. Carlos se demolio o convento da Esperança, e como esta muitas outras demolições se tem feito em Lisboa quer para aberturas de ruas como para construção de novos edificios, de que citaremos de passagem os celebres casebres do Loreto para a construcção da Praça Luiz de Camões; as casas do Largo de Camões, para dar logar á Estação Central do Rocio e Hotel Avenida Palace: a antiga Praça de Touros, do Campo de Sant'Anna, onde se construiu a nova Escola Medica; o convento de Sant'Anna para o edificio do Instituto Batereologico; a antiga ermida da Guia para continuação da rua da Palma e muito mais que seria longo enumerar.

De grande parte d'esses edificios que desapareceram, acham-se arquivados desenhos no OCCIDENTE como documentos e recordação historica, conforme hoje vamos arquivar o desenho da antiga egreja de Nossa Senhora dos Anjos, a qual está sendo demolida para a abertura da Avenida D. Amelia, já em adeantada construção.

O templo que ora desaparece é dos mais anti-

---

(1) *Revista Universal Lisbonense* — N.º 1619.
(2) *Diario do Governo* de 16-4-1843 — Pag. 324
(3) Idem — Pag. 325.

(1) *Revista Universal Lisbonense* — 1844 — Volume 5.º.
(2) A comissão que angariava donativos para o monumento e que era presidida pelo duque de Palmella, fora creada em 1842 (outubro). Houve acêsa discusão a proposito dos artistas a quem a obra devia ser incumbida — Queriam uns que fossem só os portuguêses e outros opinaram a que artistas estrangeiros pudessem tambem concorrer, entusiasmados por um projecto do Lodi e Cinati — Castilho não só queria que os artistas fossem portuguêses senão que todo o material o fosse tambem.
(3) Cartas de lei de 28-6-1844.

(1) Carta de lei de 10-9-1861.
(2) *Historia dos Estabelecimentos Scientificos, Literarios e Artisticos em Portugal* por J. D. Ribeiro — Volume 12.º — Paginas, 284.

Os Vencedores do Cuamato

BANQUETE OFERECIDO PELO TURF-CLUB AO SR. CAPITÃO ALVES ROÇADAS
(Cliché Alberto Lima)

gos de Lisboa, pois em 1563 existia naquelle logar uma capela da invocação de Nossa Senhora dos Anjos, compreendida nos limites da freguezia de Santa Justa e Rufina, cujo templo foi derrubado pelo terremoto de 1755, e se erguia no largo de Santa Justa, no logar do predio que intesta o largo do nascente fazendo esquina para as escadinhas que vão á calçada do Caldas.

Cabe dizer, visto que estamos tratando de velharias, que foi sobre as ruinas do templo de Santa Justa e Rufina, que, nos meados do seculo passado, se construiu um teatro com o nome de D. Fernando, no qual brilharam muitos de nossos artistas dramaticos que deixaram nome, como Braz Martins, a velha Barbara, o Carreira, que era maneta, o Florindo, que foi morrer ao Brasil e outros. Naquelle teatro se deram tres noites recitas gratis ao publico quando da chegada do Duque de Saldanha a Lisboa, em 1851, vindo do Porto. Como entusiasmo da população da capital nunca assistimos a outro maior.

No teatro de D. Fernando deu tambem recitas ahi por 1860, uma companhia de zoavos franceses que vinham das campanhas da Crimea e foram saudados em Lisboa com dilirante entusiasmo.

Este teatro, porem, estava condemnado de seu principio a não ter existencia longa. Na construção que se fez conservou se o antigo arco do cruzeiro da egreja, que estava de pé, e transformaram no em proscenio, o qual se abria para a sala do espectaculo formando aos lados dois recantos, que inutilisavam os primeiros camarotes de bôca donde não se podia gosar a cena. Por isto

FRONTARIA DA NOVA EGREJA DOS ANJOS NA AVENIDA D. AMELIA
(Cliché Benoliel)

e por certo aspéto triste que o teatro tinha, o publico só muito excepcionalmente a elle concorria, acabando por fechar a porta á falta de empresarios que o quizessem explorar.

Assim foi poucos annos depois transformado em casa de habitação, conservando o edificio ainda as portas e janelas do primeiro andar que eram as do teatro.

Mas voltemos á capela de Nossa Senhora dos Anjos, a qual em 1563 foi elevada a paroquia pelo cardeal D. Henrique, arcebispo de Lisboa, ficando-lhe pertencendo as capelas da Bemposta, dos condes de Pombeiro, do Espirito Santo, em Arroyos, e a de Nossa Senhora do Resgate das Almas.

Esta capela foi reedificada e ampliada nos annos de 1725 e 1758 sendo conservada até ao presente.

A sua arquitetura exterior é simples e pouco elegante e o mesmo se póde dizer do interior. O que porem enriquece este templo é a profusa obra de talha dourada que reveste o interior de suas capelas, bem como as pilastras e arco da capela mór e nicho que lhes fica superior, vãos e molduras dos quadros que revestem as paredes.

Para aproveitar toda esta obra de talha, construiu se o edificio da nova egreja com as dimensões interiores e disposição de suas capelas da antiga egreja, de modo a recebel-a, ficando assim com o mesmo aspeto do antigo templo.

A nova egreja foi mandada construir pela camara municipal, na nova Avenida D. Amelia. A arquitetura do seu frontespicio, é elegante filiando se em motivos da ordem jonica, e muito superior ao da antiga

A demolição da Egreja dos Anjos, em Lisboa

Vista exterior da antiga egreja dos Anjos

Capéla-mór e cruzeiro da antiga egreja dos Anjos

Os Altares lateraes de Santo Antonio, Santo André e pulpito da antiga egreja dos Anjos

(Clichés Benoliel)

egreja, como se póde vêr pelas gravuras que publicamos e nos despensão de mais minuciosa descripção.

O novo templo assenta sobre um largo passeio, ficando-lhe ainda em volta terreno para ser ajardinado e fechado por uma grade. Tem todas as dependencias necessarias para os serviços paroquiaes e das irmandades, incluindo uma casa forte para arrecadação das alfaias e pratas da egreja. A torre para os sinos fica na retaguarda do edificio.

Junto á nova egreja foi construida uma capela provisoria a expensas da Irmandade do Santissimo e da camara municipal, para ali se celebrarem os actos religiosos, emquanto durarem os trabalhos da remoção da talha da egreja velha para a nova.

Para esta capela provisoria foi processionalmente trasladado no dia 11 do corrente o Santissimo Sacramento, e logo ali se realisaram as primeiras ceremonias religiosas, tendo sido celebradas missas nos altares de S. Miguel e de Santo André.

Como paroquia tambem nesse dia o rev. paroco desembargador dr. Alçada de Paiva celebrou um casamento, sendo os nubentes o sr. Eduardo de Barahona Fragoso Tavares Galvão e a sr.ª D. Maria das Dores de Bessa e Castro Campos e Silva.

Assim foi estreiada a capela provisoria.

CHAUCER

O conto do fidalgo da aldeia

(Continuado do n.º 1046)

Assim, um dia, logo de manhã, vão para um jardim que havia alli ao pé, para o qual mandaram ir de comer e outras provisões e divertem se durante todo o dia. Era na sexta manhã de maio o qual com as suas brandas chuvas tinha pintado este jardim cheio de flores e a pericia do homem tinha tão curiosamente disposto este jardim que nunca houve outro d'um tal apreço, a não ser o proprio paraizo.

O aroma das flores e a frescura teriam alliviado qualquer coração pensativo, como nunca houve, a não ser que muito grave doença ou muito grande tristeza o tivesse lançado na desgraça, tão cheio elle era de belleza e de delicia. E depois de jantar lá vão para a dança e todos cantavam excepto Dorigena.

Ella não fazia senão entristecer-se e lamentar-se, porque não via ir para a dança aquelle que era o seu marido e o seu amor. Mas, por fim, uma vez devia ceder, e com boa esperança deixou escapar a tristeza. N'esta dança, entre outros homens, dançava um fidalgo deante de Dorigena, o qual, na minha opinião, era mais novo e de facto mais alegre do que o mez de maio.

Elle canta, e dança, excedendo qualquer homem que tenha havido desde que o mundo começou, tambem era, já que devo descrevel-o, um dos homens mais afortunados; novo, forte, honrado, rico e sabio, estimado de todos, e tido em grande conta.

D'ahi a pouco, para dizer a verdade, este robusto fidalgo, servo de Venus, o qual se chamava Aurelio, amava Dorigena durante dois annos ou mais como a nenhuma outra pessoa, sem ella saber nada d'isto.

Elle nunca se atreveu a dizer-lhe o que o affligia e sem taça bebia toda a sua penitencia. Estava desesperado, não se atrevia a dizer nada, apenas nos seus cantos deixava manifestar alguma cousa da sua dôr n'uma especie de queixa geral.

Elle dizia que amava e não era amado, e ácerca de tal assumpto compunha muitas redondilhas, canções, queixas, endexas, *roundels* e *virelais*, de maneira que não se atrevia a contar as suas maguas, mas desfallecia, como a furia no inferno, e assim teria de morrer, dizia elle, como Echo morreu por Narcisa que não se atreveu a contar as suas dores.

E não se atrevia a manifestar os seus pesares a não ser por este modo, e assim ás vezes, por acaso, nas danças onde a gente nova usa os seus melhores vestuarios, póde sêr que elle olhasse para ella, como quem quer que pede graça a uma que não lhe conhece os intentos. Entretanto, aconteceu que antes de se apartarem, por elle ser seu visinho, e por ella já o conhecer d'antes, vieram á falla e desde aquella occasião Aurelio cada vez mais se aproximava do seu fim. E, quando achou a occasião propicia, disse:

«Senhora, por Deus que fez este mundo, oxalá que n'aquelle dia em que Avirago foi para o mar, eu fosse para um lugar d'onde nunca mais voltasse, porque bem sei que é baldado todo este meu desejo e o meu galardão não é mais que uma tortura intima; senhora, ha aqui uma dôr aguda e vós com uma palavra podeis matar-me ou salvar-me; aqui a vossos pés oxalá que eu estivesse enterrado. Não tenho occasião para dizer mais. Tende compaixão de mim, oh! bella, senão fazeis-me morrer.»

Ella começou a olhar para Aurelio, e disse:

«Então é essa a vossa vontade? E falla assim? Não sabia que tinha tal intenção, mas agora, Aurelio, conheço o vosso intento, e por aquelle Deus que me deu alma e vida nunca serei uma esposa infiel nem por palavras nem por obras. Até onde chegar o meu entendimento sou d'aquelle a quem estou ligada; toma essa resposta como final da minha parte.» Mas depois, por gracejo, disse: «Aurelio, pelo alto Deus, ainda te concedo ser o teu amor (já que te vejo queixar tão tristemente) se tentares um dia remover todas essas rochas lá para as bandas da Bretanha de maneira que não empeçam a marcha dos navios; quando tiveres limpado estas rochas pedra por pedra, de maneira que nem uma seja vista, então amar-te-ei mais que a qualquer homem; aqui tens a minha palavra, e é tudo o que eu posso.»

«Não tem mais graça nenhuma, senhora?» disse elle.

«Não, por aquelle Deus que me fez, disse ella. Porque eu bem sabia que tal nunca succederá, deixa saltar esta graça do meu coração.»

Aurelio ficou maguado, quando ouviu isto e respondeu com o coração contristado: «Senhora, isso seria impossivel, e então espera-me a morte mais horrivel.» E com estas palavras foi-se embora.

Vieram muitos dos seus amigos, que andavam pelas avenidas, não sabiam nada d'esta conclusão, e logo começaram a divertir-se de novo, até que o brilhante sol perdeu a sua côr, porque o horizonte tinha-lhe roubado a luz, o mesmo é dizer que já era noite.

E alegres e contentes vão para casa, ah! excepto o pobre Aurelio, que foi para casa com o coração triste. Não se pode apartar do pensamento da morte e parece-lhe que já tem o coração frio. Começou a levantar as mãos para o ceu, punha-se de joelhos e dizia delirando as suas orações. Com a dôr perdia os sentidos, não sabia o que dizia, mas dizia isto e com o coração dorido queixava-se aos deuses e ao sol;

«Apollo, deus e governador de todas as plantas, hervas, arvores e flôres, que, em conformidade com a tua declinação, dás a cada uma as suas estações, assim como o teu logar d'habitação se muda para cima e para baixo, senhor Phebo, lança os teus olhares de misericordia para o pobre Aurelio, que está perdido. Olha, senhor, a minha senhora jurou a minha morte, sem algum crime, a não ser que a tua bondade tenha compaixão do meu coração mortal; porque eu bem sei, senhor Phebo, que, alem da minha senhora, ninguem me pode valer melhor que tu; agora consente que eu possa lembrar te como me podes valer e de que modo. Tua bemaventurada irmã Lucina é do mar a principal deusa e rainha, e ainda que Neptuno tem alli o seu imperio, todavia ella como imperatriz está ainda acima d'elle; pois vós ambos bem sabeis, senhor, que assim como é desejo d'ella ser animada e allumiada pelo teu fogo, pelo qual ella te segue tão activamente, assim tambem o mar naturalmente deseja seguil-a, como sua deusa que é e tambem dos rios mais ou menos. Por isso, senhor Phebo, este é o meu pedido; faz-me este milagre se não queres que o meu coração arrebente.»

«No lado opposto dos corpos celestes no signo de Leo, pede-lhe que traga uma onda tão grande, que ao menos salte cinco varas por cima das mais altas rochas da Armorica Bretanha, e que esta onda dure dois annos, e então poderei dizer á minha senhora que sustente a sua palavra, que os rochedos foram-se embora. Senhor Phebo, faz-me este milagre, e pede-lhe que não vá mais ligeira do que tu na sua carreira, então estará a onda sempre a vasar e durará dia e noite.

«E para que ella consinta dar-me a minha soberana e querida senhora, pede-lhe que afunde todas as rochas nas suas escuras regiões, lá no fundo onde Plutão habita, aliás nunca alcançarei a minha senhora. Procurarei descalço o teu templo de Delphos; senhor Phebo, vê as lagrimas d'estas faces, e tem compaixão da minha dôr»; com estas palavras cahiu em vertigem e assim esteve muito tempo em extase. Seu irmão, que conhecia os seus soffrimentos, levantou-o e trouxe-o para a cama. Deixo ficar ahi esta infeliz creatura desesperada com tormentos e com taes pensamentos e elle, que não eu, escolha se quer viver ou morrer.

Avirago, que era a flôr da cavallaria, volta com saude e grandes honras para sua casa em companhia d'outros homens dignos.

Agora sim, Dorigena, que és feliz, agora sim, que tens outra vez o teu marido nos teus braços, o valente cavalleiro, o digno homem d'armas, que te ama como a vida do seu coração. Nem elle se importava se alguem na sua ausencia tinha fallado d'amor a sua mulher; não tinha d'elle duvida nenhuma e não faz senão dançar, ir aos torneios e andar em festa.

Agora deixal-o-ei com a sua felicidade e voltemos ao pobre Aurelio, que dois annos e mais esteve n'aquella languidez d'alma e furiosos tormentos, antes que podesse pôr um pé sobre a terra. Durante este tempo não teve conforto nenhum, a não ser de seu irmão que era um lettrado e conhecia bem esta dôr e sua causa, porque tambem a mais ninguem elle se atrevia a fallar de tal assumpto. E elle occultava mais o seu amor dentro do seu peito do que Pamphilo o occultava por Galatea.

O seu peito tinha bom aspecto exterior, mas no seu intimo estava uma setta aguda. E vós sabeis que taes feridas são más de curar a não ser que se tire a setta.

(Continúa.)

MIGUEL JOSÉ RODRIGUES.

JOÃO DE VASCONCELLOS E SÁ

Vasconcellos e Sá, o poeta já consagrado, que escreveu e compoz a *Margarida vae á fonte*, essa deliciosa canção soberanisada pelo povo durante mais de um anno, voltou a arena da publicidade com um novo livro onde enfeixou, sem preocupações de escola, as suas ultimas producções. Esse livro que excedeu a espectativa dos leitores do seu primeiro volume de poesias, honestissimo nos processos de factura, cheio de sentimento e de graça, não implora antes exige, os mais rasgados louvores.

JOÃO DE VASCONCELLOS E SÁ

Todo elle, desde o primeiro soneto ás ultimas estrófes, revela, a par de uma fecunda inspiração, um louvavel abandono das praxes e formulas rotineiras, a que os modernos vates se aferram, receosos de naufragar no traiçoeiro pégo da originalidade balôfa, tão facil de macaquear como de estremar do que verdadeiramente se chama *o cunho pessoal*.

A graça leve e perfumada e o galanteio gentil, voejam a miude nos versos do poeta, atencioso até na ironia, delicado ainda no epigramma mordaz e contundente.

As *Rimas Pobres*, que assim o poeta intitulou os seus versos, constituem um bello repasto intelectual para os raros amadores da especialidade. Pena é que escasseiem os leitores e que ao autor, que lança no mercado um bom livro, não chegue o reflexo metalisado do seu esfôrço, menos preciso como recompensa do que instantemente necessario como incentivo para novos trabalhos.

Do livro de Vasconcellos e Sá vamos transcrever o soneto impresso na primeira pagina, não porque seja o melhor mas porque uma escolha antolha se-nos dificil e melindrosa.

Alguma coisa, por elle, avaliará o leitor:

ESTAS MAGUAS

Estas maguas sentidas dia a dia,
sofridas em silencio e longe della,
todo este mal oculto que revela
uma existencia morbida e sombria;

esta minha expressão sem alegria,
esta atitude, esta mudez singela,
este meu riso até — que a dor modela
porque sempre a tristeza o contraria,

nasceram da saudade e da amargura...
Mas vós todos, poetas sem ventura
qué sabeis inspirar alheio dó,

não podereis medir tamanha dôr.
Em vós morre um amor, nasce outro amor
e eu não soube esquecer!... eu tive um só.

CIENCIA MODERNA

Observações da passagem de Mercurio pelo Sol

Os resultados obtidos, para a ciencia, d'este fenomeno, não foram, como era de esperar, tão brilhantes como seriam para desejar pois que a epoca do anno era pouco favoravel para as observações, e apenas no Sul da França, alguma cousa de aproveitavel, comquanto pouco se conseguiu.

Em Nice, os srs. Javelle e Simonin utilisaram-se de um grande equatorial de 0mm,76, o sr. Giacobini de um equatorial de 0,40 e o sr. Charlois, de um, de 0mm,38; em Marselha, o fenomeno foi seguido pelos srs. Stephan, Barrelly, Coggia, Esmiol, Fabry e Maitre. Em Tolosa, comquanto o tempo fosse pouco favoravel, fiseram observações os srs. Bourget e Rossard; em Lyon, com tempo nublado, os srs. Guillaume e Merlin, e em Besançon, os srs. Brück e Chafardet.

No observatorio de Nice, Madame Chrétien poude obter 12 instantaneos de 16cm de diametro, cujas imagens poderão definir a epoca dos contactos, e o angulo de posições da corda descrita por Mercurio deante do Sol.

Nos tres observatorios onde as observações foram mais precisas, eis os resultados medios das medições effectuadas:

	Equat (Diametro)	Polar (Diametro)
NICE — Javelle....	9″,70	8″,47
» — Simonin...	7″,62	7″,38
» — Giacobini	10″,10	9″,96 e 11″,18
» — Charlois ..	8″,43	7″,90
» — Prim	10″,03	9″,71

	Media das medições
MARSELHA — Stephan.............	8″,90
» — Borelly	9″,81
» — Coggia	6″,06
» — Esmiol	6″,07
» — Fabry	8″,78
LYON — Merlim.	8″,4
» — Guilaume	8″,4

Quanto ás aparencias do fenomeno, os resultados tambem divergem. O sr. Javelle, em Nice, notou antes do 3.º contacto, uma luz branca em torno do planeta, em Tolosa o sr. Bourget, viu essa aureola, côr de palha, etc.

Os resultados que parece terem sido definitivos foram os seguintes:

Tratava-se de ver se a absorpção produsida pela atmosfera de Mercurio, modificaria o aspéto de certas riscas negras do espétro. As imagens que se obtiveram a esse respeito foram muito ondulantes, e os resultados não corresponderam aos desejos, no entanto, os espétrogramas não demonstraram a influencia absoluta da atmosfera do planeta sobre o Sol, para que essa acção podesse ser revelada pelos meios empregados pelos observadores para esse fim, — o que permite concluir, que essa atmosfera não poderá senão ser muito rarificada, sendo o limite maximo dado por esses resultados, de grande interesse.

31-12-907

ANTONIO A. O. MACHADO.

Publicações

A Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes, desde a sua fundação até 11 de novembro de 1899 — (Synopse elaborada por Eduardo A. da Rocha Dias) — Lisboa — Typ. da Casa da Moeda e Papel Sellado — 1907.

Folheto de 31 paginas, formato grande, encerra a noticia dos assuntos proeminentes, durante as sessões de assembléa geral, a partir do ano da fundação (1863), rejista os nomes dos socios laureados, e acusa as exposições em que houve premios.

Boletim da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes

E' o n.º 3, do tomo XI, quarta série, e, como os n.os precedentes, apresenta-se interessante nos artigos nêle insertos, firmados por Sousa Viterbo, Cunha Brandão, Victor Ribeiro, Rocha Dias e Mendes Guerreiro. Egualmente o ilustram estampas elucidativas, e um mappa curioso dos caminhos de ferro ejipcios do Estado.

Ministerio das Obras Publicas, Commercio e Industria — *Direcção Geral do Commercio e Industria — Repartição do Trabalho Industrial.*

Temos presentes os n.os 3 e 4 do *Boletim*, encerrando o n.º 3 o relatorio dos serviços especiaes da industria desempenhados em 1905, na 4.ª circunscrição, de que é enjenheiro-chefe, Adriano Monteiro, e o n.º 4, o estudo do enjenheiro director, Visconde Villarinho S. Romão, sobre instituições de beneficencia e associações de previdencia nos distritos de Braga, Viana, Vila Real e Bragança.

Qualquer destes trabalhos acha-se escrupulosamente elaborado, sendo ambos, sob o ponto de vista economico-social, de precioso ensinamento e de provada utilidade pratica.

A materia do n.º 3, abranje os districtos de Evora, Beja e Faro.

A Boa Nova — Editor e auctor, Eduardo de Carvalho — Vizeu — Typographia Central — 1906.

E' um folheto de 96 pajinas de versos, precedidos por uma apreciação de Heliodoro Salgado ácêrca da poesia na actualidade, em carta dirijida ao autôr.

Compreende o folheto ou «esboço de um poema» na designação de Eduardo de Carvalho, três partes — *Resemos á vida — Caminhemos para o Ideal — Luctemos pelo Ideal*, rematando-os um *Post-Scriptum.*

Os versos, que estão lonje de ser primorosos, são assim dedicados pelo poeta na primeira pajina:

«Aos Camaradas, que por todo o mundo vão arvorando a bandeira da Revolta contra uma sociedade corrompida e moribunda, Offerece, um dos que chegam».

Miscellanea Litteraria — Melancholicas — (*Poesias*) por A. A. de Lima Duque — 4.º e 5.º volumes — Lisboa — Composto e impresso na Imprensa Lucas — 1907.

Abranje cada um destes indicados volumes 62 paginas de texto rimado, em que a fina delicadeza do sentimento elevado se casa com o mais profundo ideal filosofico, num lirismo absorvente.

Eis a prova de tal affirmativa, no soneto

IMMUTAVEL

«Diga ao captivo, alguem, que ria e se distráia;
'scurece, diga ao sol; não rujas, diga ao vento;
não incendeis noss'alma, ó luz do pensamento;
ó mar, um dia só, não vás beijar a praia.

«A' ave tão veloz, que a 'svoaçar se ensaia,
não busques, diga, o ar do largo firmamento;
á rôla dos pinhaes, não soltes teu lamento;
á roza côr de fogo, as pétalas desmaia.

«Pois, antes, ri o preno; e o sol não abrilhanta,
a voz o vento perde; e o pensamento o ardor;
o mar a vaga, e a ave os vôos que levanta;

«a rôla o seu gemido; e a roza a rubra côr;
que o vate expulsa d'alma as illusões que canta,
ou vive um dia só sem ter ideaes d'amor».

Historias simples — J. Reis Gomes — Lisboa — Livraria Central de Gomes de Carvalho, editor — 1907.

Volume de 214 pajinas de leitura, contéem um texto subordinado aos seguintes titulos:

Um cadaver — Dois irmãos — Côr de rosa — Pela cheia do Natal — Charlatães — No reino de Melchior — O retrato.

Prende a atenção do leitor com agrado, e demonstra ilustração por parte do seu autôr, que, aliás, poderia muito bem e sem prejuiso algum deixar de empregar termos alheios á nossa lingua.

Um Governo em Africa — Inhambane, 1905-1906 — Th. de Almeida Garrett, ex governador de Inhambane — Lisboa — Typ. da Empreza da Historia de Portugal — 1907.

Obra num volume de 264 pajinas, versa as materias correspondentes a este indice:

Algumas palavras — Serviços do Districto — Secretaria Civil — Telegraphos — Correio — Obras Publicas — Fazenda — Alfandega — Delegação Maritima — Agrimensura — Regencia agricola — Industrias fabris — Industria mineira — Regimen do alcool — Emigração — Concessão de terras — Administração do Districto — Documentos.

O autôr mostra se criterioso e sensato, prova tudo o que afirma e indica medidas verdadeiramente praticas, de que tiraria proveito imediato o districto de Inhambane e o Estado.

O sistêma até agora adótado entre nós, de regular por empenhocas o que se impõe por principios tem se convertido no ultramar em deprimente e anti-economico rejime, com o qual hão lutádo em vão os funcionarios átivos, zelosos e amantes do seu pais.

Leiam este livro do oficial de marinha Almeida Garrett, mas leiam com olhos de vêr, aquêles que interferem na governação publica, porque nem perderão o tempo nem a patria será desagradecida.

Carecem as nossas colonias de abolição de papelada inutil, de muita seriedade e homojeneidade nos serviços e de condigna remuneração a quem os desempenha.

E importa facultar á autoridade suprêma os meios necessarios de valorisar cada uma délas, promovendo lhe o respétivo engrandecimento.

O Principe Real, a quem a obra é dedicada pelo autôr, e Ayres de Ornélas, ministro do Ultramar, certamente acabam de colhêr convicções a este respeito.

NECROLOGIA

D. Antonio Sebastião Valente

ARCEBISPO DE GÔA

Era em Coimbra numa dessas ceias de estudantes em que a alegria descuidada dos verdes annos prevalece aos cuidados que mais tarde assoberbam a vida. Entre os commensaes contava-se Hintze Ribeiro, que a morte já levou, o sr. Julio de Vilhena, que hoje é chefe do partido regenerador, Antonio Sebastião Valente, que concluira sua formatura em teologia, e mais outros cujos nomes agora não nos ocorrem. Tudo sorria naquella hora e entre os brindes discursados de uns e outros, o padre lembrou:

— Dos que aqui estão presentes qual me fará bispo em sendo ministro?

Todos os comensaes responderam afirmativamente.

Volveram annos e Antonio Sebastião Valente, que concluira o curso em 1870, tomava capello em 1872.

A 9 de junho de 1875 era nomeado substituto da faculdade de Teologia, e no anno immediato, a 14 de setembro, promovido a lente catedratico, de que tomou posse em 19 de outubro do mesmo anno.

Como se vê foi rapida a subida do novel estudante ás imminencias do magisterio, no que provou cabalmente seu valor intelectual e tenacidade na luta da vida.

Era isto já valiosa recomendação para mais altos cargos, e a 2 de maio de 1881, sendo ministro da marinha o sr. conselheiro Julio de Vilhena, este nomeava o seu antigo condiscipulo, arcebispo de Gôa.

Cumpria a promessa feita dez annos antes.

Essa nomeação levantou larga discussão na imprensa, fundando-se em que o novo arcebispo não era português, por ter nascido no Porto de Santa Maria, de Espanha, mas afinal provou-se ser de origem portuguêsa, pois que seu pae João Maria Valente era português e medico em Cascaes.

Se acaso havia ainda quaesquer motivos de reparo, a morte veio por lhe ponto, que é onde acabam todas as contendas da vida.

D. Antonio Sebastião Valente desempenhou de fórma superior a alta missão de que foi investido.

Entre os grandes serviços que prestou á causa da egreja lusita na avulta a energica defeza dos direitos de Portugal do seu padroado na India, contra a *propaganda fide*.

Desveladamente se dedicou á instrução do clero, elevando o seminario de Rachol á categoria dos primeiros da Europa, na educação religiosa e scientifica, creando verdadeiros sacerdotes e dotando o seminario com mais uma cadeira de filosofia e outras novas de fisica, quimica, introdução e historia natural, com o competente laboratorio, reformando tambem a escola do canto sacro, e escolhendo para tudo bons reitores devidamente remunerados.

Sua Santidade reconhecendo o elevado grau de perfeição dos cursos do seminario de Rachol, concedeu-lhe a faculdade de conferir o grau de bacharel aos alumnos que nelle completarem o curso com distinção, regalia que nenhum outro seminario tem, quer na India, quer no reino.

D. ANTONIO SEBASTIÃO VALENTE

Arcebispo de Gôa

A par dos melhoramentos dos cursos, realisou os materiaes alargando consideravelmente o edificio com suas dependencias apropriadas, de modo que é hoje o primeiro de toda a India.

Assim como procedeu no seminario tambem não descurou a educação e instrução dos seus diocesanos, merecendo-lhes sua especial atenção.

Por vezes presidiu ao conselho do Governo do Estado da India com imparcial justiça.

Esteve em Roma pela primeira vez de visita *ad sacra limina*, e pela segunda por ocasião do jubileu episcopal de Leão XIII, do qual obteve a graça de Sua Santidade celebrar missa de pontifical no dia da canonisação dos martires de Çuncolim.

D. Antonio Sebastião Valente, veio algumas vezes ao reino tratar da sua saude muito depauperada, e agora estava para novamente vir pelo mesmo motivo, quando a morte se apressou a leva-lo repentinamente no dia 26, conforme o telegrama recebido no ministerio da marinha.

A sua morte tem sido muito sentida, especialmente em Coimbra, onde o falecido contava muitos amigos e em cuja cidade elle descansava sempre que vinha ao reino.